

Miscelânea

Ituverava-SP (Brasil) - Edição nº 4 - Janeiro/2021

facebook.com/miscelanea.av - Telefone: (16) 3839-1624 - E-mail: valizi@valizi.com.br - Editor: Auro Valizi

Eu era um jovem adulto quando vi na televisão o pianista Richard Clayderman se apresentar. Naquele momento decidi aprender piano. Matriculei-me numa escola de música e iniciei as aulas.

Como eu não tinha piano em casa — e continuo não tendo um [risos] —, para praticar as lições eu tinha que ir até a escola de música (fora do horário das aulas) para usar o piano de lá. Durante os treinos comecei a compor umas melodias. Eu nem havia aprendido direito o bê-á-bá do piano, mas já estava compondo[risos].

Um dia, o professor me disse para escolher uma canção do método de estudos para eu tocá-la na audição que seria feita para os familiares dos alunos. Perguntei-lhe se eu poderia tocar uma composição “minha”. Ele concordou. E assim, toquei para um público de pais, tios e avós de alunos a minha primeira composição. Era uma canção simples, mas era “minha criação”. Senti-me orgulhoso desse feito [risos].

Estudei piano por algum tempo e parei. Décadas depois resolvi retomar os estudos. E nessa retomada, agora num período mais recente, comecei a compor novas melodias e criar letras para elas. Foi então que percebi ser capaz de compor canções completas (melodia e letra) e pensei: quero mostrar ao mundo o meu lado compositor [risos].

Aprendendo o caminho das pedras

Mas um compositor precisa proteger suas obras. Fui então em busca desse conhecimento e aprendi sobre: direitos autorais, registro e edição de músicas, o que são e como funcionam o ECAD¹ e as Associações/Sociedades que o administram; negociação e liberação de músicas para artistas gravarem; cadastro de obras e fonogramas no ECAD; arrecadação e distribuição de direitos autorais, lançamento de músicas em plataformas digitais e muito mais.

Esse aprendizado não faz de mim um especialista no assunto, mas agora sei como funciona o universo de atuação de um compositor, ou seja: aprendi o caminho das pedras.



Piano é um instrumento que me fascina. Durante uma visita, em 2019, a um músico e compositor, que é amigo de meu pai, ao ver esse piano na sala dele, não resisti e tive que tocar uma música. (Foto/crédito: arquivo pessoal/2019)

Quem diria?!

Descobrindo a vocação para a composição

por Auro Valizi

Ficou mais prático lançar músicas

Antigamente era mais trabalhoso lançar uma música. Normalmente, as gravadoras e estúdios ficavam nas capitais dos estados, e os artistas do interior tinham que ir até lá, se quisessem gravar um disco. Como exemplo, cito a dupla *Valizi & Valizinho*, que era formada pelo meu pai (Zé Valizi) e pelo meu tio (Osvaldo Valizi). Para gravar o primeiro disco, em 1965, tiveram que ir até uma gravadora em São Paulo-SP, e ainda pagaram do próprio bolso todo o custo de produção e

prensagem do disco.

Hoje em dia, com as facilidades tecnológicas, pode-se produzir e gravar músicas mais facilmente, quase que em qualquer lugar. E ainda temos ao nosso alcance as mesmas plataformas e mídias digitais que os grandes artistas utilizam para lançar e divulgar as músicas deles.

Assim, um artista iniciante ou de uma pequena cidade do interior, mesmo não tendo a mesma visibilidade que artistas já consagrados, consegue facilmente disponibilizar suas músicas na internet,

para o mundo todo conhecer. E o que é melhor: de maneira independente, sem a necessidade de uma gravadora ou selo musical. Foi o que fiz.

Lançamento do EP

Comentei com o músico Diego Chinali que eu queria gravar uma música em estúdio. Ele me indicou o músico Gumercindo (do Gumamusics Estúdio). Entrei em estúdio com o objetivo de gravar apenas uma canção, mas com o apoio e incentivo do Guma, acabei gravando quatro canções.

Com isso, em 2019 estreei no mercado fonográfico com o lançamento do meu primeiro EP (*Extended Play*), contendo quatro das minhas primeiras composições, em gênero instrumental, ao som de piano. O lançamento seguiu os mesmos trâmites que os artistas renomados seguem para lançarem suas músicas, ou seja, tudo “dentro dos conformes” [risos].

E agora, o que vem pela frente?

Paralelamente a outras atividades, no campo musical continuarei dedicando-me à composição. Quero deixar um legado como compositor, nem que seja para o meu próprio deleite [risos].

Cantar não é a minha melhor habilidade musical. Então, é mais interessante que as minhas composições sejam gravadas e lançadas por outros intérpretes: cantores(as), duplas, bandas. E como sonhar não custa nada [risos], quem sabe alguma das músicas possa até se tornar um sucesso na interpretação de algum grande artista, o que seria uma realização bastante gratificante.

Conheça minhas composições

Use o QR Code abaixo para acessar o meu canal no YouTube e conhecer algumas das minhas composições. Aproveite e inscreva-se no meu canal para você ser avisado(a) sempre que eu publicar uma nova composição. ::



¹Escritório Central de Arrecadação e Distribuição

**Pés
no chão**
Pág. 2

**Tarde
demais**
Pág.2

**Cachoeira
Salto Belo**
Pág. 3

**Amantes
da fotografia**
Pág. 3

**O amor
é lindo!**
Pág. 3

**Bate-papos
com Zé Valizi**
Pág. 4

Pés no chão

Vitamina “S” (sujeira) para a criançada

Auro Valizi

Antigamente, nos tempos de infância dos meus avós e pais, a meninada não usava calçado no dia a dia. Pelo menos era assim o costume lá na fazenda: criança ficava descalça o tempo todo.

Meu pai, quando chegava à escola rural onde estudava (na fazenda onde ele morava), encontrava todos os colegas descalços. Somente a professora é quem usava calçados. Posso até imaginar as alunas sonhando ser professoras quando crescessem, somente para poder usar calçados, tal como a professora.

Primeiro par de botinas

Meu pai ganhou um par de sapatinhos aos sete anos de idade, presente do padrinho dele. Mas no dia a dia ficava mesmo era descalço. Somente lá pelos

doze ou treze anos é que o meu pai teve o primeiro par de sapatos, de verdade, que era usado em ocasiões especiais. Durante a lida na roça, trabalhava descalço. Comprou seu primeiro par de botinas somente lá pelos vinte anos de idade.

Bailando descalço

Um dia desses encontrei uma senhora que vivenciou aquela época. Ela disse que as moças, inclusive ela, iam muito bem-arrumadas aos bailes. Muitas delas de vestido novo, batom nos lábios e... descalças! Dá para imaginar? E os rapazes com o seu melhor terno, de linho, engomado e... também descalços! Se você abriu um riso neste mo-

mento da leitura, eu também. Moças e rapazes, todos elegantemente vestidos, cada qual com o seu par, animadamente dançando ao som da sanfona naquele chão de terra e... descalços! Parece cômico, não? Desculpe-me se você viveu naquela época e não gostou da graça que achei. Não fique chateado(a)

Os pés viviam cheios de furos, arranhões e rasgos

comigo. Não estou zombando. Acontece que sou urbano (nasci e fui criado na cidade e, infelizmente, não tive o privilégio de vivenciar os costumes rurais daquela época) e não consigo imaginar uma cena dessas sem soltar uma boa gargalhada.

E talvez seja por isso que eles eram, em sua maioria, saudáveis. Porque desde criancinhas andavam pisando sobre todo tipo de coisa: pedras, espinhos, cacos de vidro, estrepes de madeira etc. Sem falar das formigas e toda uma infinidade de insetos e outros bichos que, por vezes,



Crédito: FreeImages.com/D. Sharon Pruitt

fincavam suas presas naqueles pezinhos frágeis. Os pés viviam cheios de furos, arranhões e rasgos. Acho que isso lhes ajudava a criar rapidamente os mais diversos anticorpos, tornando as crianças mais resistentes às doenças.

Preocupação excessiva?

Atualmente, creio que os pais, de um modo geral, têm demasiada preocupação com a saúde dos filhos, motivo pelo qual as crianças passam uma

boa parte do tempo com os pés calçados. Talvez seja por isso, também, que são tão frequentes as idas das crianças ao médico: falta-lhes passar mais tempo descalças, em contato com o chão, pisando em tudo quanto há nele.

Que tal fazermos como nos velhos tempos e deixarmos nossas crianças descalças tanto tempo quanto lhes for possível? Talvez fiquem mais resistentes e adoeçam menos. Então, pés no chão! ::

Era uma vez um rapaz que trabalhava num escritório. Realizava suas tarefas com zelo, destacando-se dos seus pares.

Certo dia foi pedir um aumento de salário. O patrão, sujeito de posses, porém muito sovina, negou-lhe o aumento, mesmo sendo o jovem um dos melhores funcionários que já tivera. E assim, o rapaz resignou-se e continuou trabalhando na empresa.

Logo a fama de bom funcionário que o rapaz tinha espalhou-se e o dono de uma empresa concorrente o chamou para trabalhar lá, propondo-lhe pagar o dobro do que estava ganhando.

Pediu demissão

O rapaz aceitou a proposta recebida e foi pedir demissão ao patrão atual. Ao saber do motivo, o patrão propôs-lhe pagar

Tarde demais

Não deixe para agradecer depois

Auro Valizi

também o dobro. Porém, o jovem pensou: “Se o atual patrão está disposto a duplicar o meu salário, é porque eu valho isso para ele. Então, por que ele não me deu um aumento quando eu lhe pedi?” E a resposta a esta pergunta, o próprio rapaz já sabia: o patrão era avarento. Assim, o rapaz decidiu mesmo sair do emprego atual e ir trabalhar na outra empresa, para alguém que percebeu o seu valor.

Feliz e valorizado

Na nova empresa, ganhando mais, o jovem se sentiu mais feliz e realizado. Às vezes o pa-

trão pedia-lhe que trabalhasse à noite, pois havia serviços com prazo para serem entregues. O jovem fazia alguns serões, e ao final do mês o patrão ainda pagava-lhe um substancial adicional pelo trabalho noturno. O jovem sentia-se muito valorizado por estar ganhando um bom salário.

Isso aconteceu numa época em que as leis trabalhistas não eram seguidas com tanto rigor. Muitos empregados sequer tinham registro em carteira. As relações de trabalho entre empregado e patrão eram combinadas verbalmente, “no fio do bigode”.

A proposta era irrecusável!

O fato é que o novo patrão, mesmo não tendo-o registrado — pois era uma prática muito comum naquela época — viria a ser o mais justo patrão que o jovem teria em toda a sua vida profissional.

Tempos depois o jovem recebeu outra proposta de trabalho e saiu da empresa. Mas levou consigo aquele sentimento de gratidão, pelo fato do patrão pagar-lhe muito bem e por valorizar a sua habilidade e capacidade de realizar as tarefas. E assim, o jovem seguiu por outros caminhos, mudou de cidade e perdeu o contato com aquele ex-patrão.

Adiou demais

Anos se passaram e o rapaz voltou a residir em sua cidade, e de vez em quando avistava o seu antigo patrão pela cidade e pensava: “Preciso agradecer-lhe, dizer que ele foi o patrão mais justo que tive na vida.” Mas o



Crédito: FreeImages.com/Dominik Guarek

rapaz apenas pensava em agradecer, e não o fazia, à espera de uma ocasião mais apropriada.

E assim o tempo foi passando sem que o rapaz fizesse o que o seu coração lhe pedia: agradecer ao ex-patrão. O rapaz foi adiando o agradecimento até que o antigo patrão adoeceu e faleceu. Não é preciso nem descrever o quanto mal o rapaz se sentiu.

Moral da história

O dia de agradecermos a alguém é hoje. Amanhã poderá ser tarde demais. ::

Apoio cultural

O Miscelânea lhe proporciona um momento de leitura e descontração. A distribuição é gratuita, porém depende de apoio cultural. Quanto mais apoiadores, mais frequentes serão as edições. **E você, leitor(a), também pode apoiar.** Contribua com a próxima edição; **faça um Pix!** No aplicativo do seu banco (no ce-

lular), utilize o **QR Code** ao lado e envie a sua contribuição (qualquer valor). Fazer um Pix é simples e prático! Se preferir outra forma de enviar o seu apoio cultural, entre em contato conosco:

E-mail: valizi@valizi.com.br

Fone: (16) 3839-1624

(16) 99189-6649 (somente WhatsApp)

Faça um Pix!



Cachoeira Salto Belo

Patrimônio natural do município de Ituverava

Minidocumentário produzido como trabalho acadêmico, contendo as participações (depoimentos) de José Maurício Amêndola, Maria Luiza Cruz Bonini Amêndola, Altair da Silva (*in memoriam*) e Nelson Catroqui Filho.

O vídeo está disponível no YouTube. Para assistir em seu celular, use o código QR abaixo. ::



A queda d'água fica no trecho do Rio do Carmo que passa pelo Parque Recreio Balduino Nunes da Silva (Crédito: Auro Valizi - Dez/2019)

Amantes da fotografia

Registrando e preservando a história de nossa região

A importância da fotografia para o registro e preservação da história é grande demais para ser definida em poucas linhas.

Mas o que posso dizer é que sinto-me agradecido pelas pessoas que, no passado, fotografaram lugares e edificações que hoje não existem mais, ou pelo menos não são mais

do jeito que eram antes. Assim, parte da história de nossas cidades permanece preservada, pelo menos em fotos.

E é um alívio sabermos que há pessoas que, mais que fotógrafos, são amantes da fotografia e continuam registrando não somente pessoas e a natureza, mas também

lugares de nossa região que talvez serão conhecidos pelas gerações futuras apenas através de fotografias.

Nesta edição, convidamos você a conhecer os mais diversos e belos cliques capturados pelos fotógrafos Nelson Catroqui Filho (Ituverava-SP) e Marcelo Lopes Lima (São Joaquim da Barra-SP). ::



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Ituverava-SP - Crédito: Nelson Catroqui Filho (2008)



Capela de Santo Hilário, na área rural de São Joaquim da Barra-SP - Crédito: Marcelo Lopes Lima (2019)



Veja mais fotos de
Nelson Catroqui Filho em
[facebook.com/nelson.catroqui](https://www.facebook.com/nelson.catroqui)
(acesse pelo código QR ao lado)



Veja mais fotos de
Marcelo Lopes Lima em
[facebook.com/marcelodigimaq](https://www.facebook.com/marcelodigimaq)
(acesse pelo código QR ao lado)

O amor é lindo!

Doar para deixar alguém feliz, e ter
nessa felicidade a recompensa

Às vezes, muitos adotam uma postura passiva na vida, bem no esquema “venha a nós o Vosso reino”. E é verdade que todos devemos aprender a receber na vida. É sinal de abertura e humildade. Mas também é importante adotarmos uma postura mais ativa. É preciso dar, para receber. Doar-se, sem esperar nada em troca.

Muitos querem tudo para si, com pouquíssima disposição para doar um pouco de si mesmos aos outros. E mesmo se você fizer um gesto de amor, já esperando retribuição, estará impondo uma condição. Ainda falta doação neste mundo. Falta generosidade. Doar por doar. Doar para deixar alguém feliz, e ter nessa felicidade a recompensa. A verdadeira felicidade vem de nossa própria capacidade de amar e trazer felicidade para o outro.

Mais do que palavras, as ações começam dentro de nós e são o que faz o ser humano ter mais uma chance. Porém, nesta vida, na mesma proporção de pessoas que pouco se importam, encontramos também pessoas que amam o próximo como a si mesmas e doam sem medidas.

O GRUPO ASA surgiu a partir de um ato de amor, depois da grande dor de uma perda. E assim, desde sempre, vem construindo devagarinho o caminho pelo qual espera que todos percorram com a intenção de servir.

Até hoje em dia muitos não têm nem coragem de pronunciar a palavra “câncer”. Às vezes, muitos falam “fulano está com aquela doença”, tamanho o peso que esse diagnóstico causa em todos nós. Com o passar do tempo houve a necessidade de conviver e aceitar que o câncer é uma doença democrática, pois

não escolhe sexo, idade, cor, religião ou posição social. Portanto, todos devem se unir na mesma luta.

Salvar uma vida é salvar a si mesmo, é olhar sem esperar nada em troca. Você não pode dar tudo o que tem para salvar alguém, mas pode ajudar a completar o que falta. No caso dos doadores, seja a gota que falta.

Hoje, em especial, o GRUPO ASA só quer agradecer. A palavra, realmente, é GRATIDÃO a toda a população ituveravense pelo apoio em todos os eventos e, principalmente, pela confiança depositada em toda a equipe do Grupo.

Nosso “muito obrigado” a toda a população, nas pessoas dos empresários, do comércio em geral, da imprensa, dos imprescindíveis doadores de sangue, demais simpatizantes do GRUPO ASA e a todos que apoiam, acreditam e ajudam na nossa empreitada.

Desejamos que a felicidade em doar seja a recompensa por tamanho ato de generosidade, e que Deus retribua a todos em forma de bênçãos.

Grupo ASA
O amor é lindo!

Rua Dr. Fernando Costa, 135
Centro - Ituverava-SP
(16) 3729-2846

[facebook.com/asaituverava](https://www.facebook.com/asaituverava)
www.asaituverava.com.br



COUTO
Presentes e Utilidades
Domésticas
Fone (16) 3729-3435
Praça X de Março, 168 - Centro
Ituverava-SP

SUPERMERCADO
FARTURA
Fone (16) 3839-0073
Rua Cel. Francisco Junqueira, 298
Centro - Ituverava-SP

BENEDETI
Disk Água Mineral
Fone: (16) 3729-4111
WhatsApp: (16) 99974-0037
Rua José Moreira Coimbra, 1017 - Ituverava-SP

LUCIANA OLIVEIRA
CORRETORA DE SEGUROS
SUSEP: 10.2033976-3
Fone: (16) 3839-8030
WhatsApp: (16) 98204-2100
lucianacorretoradeseguros@gmail.com
Praça. Dep. Hélio Nunes da Silva, 75-A
Centro - Ituverava-SP

Novidade!
VIAGENS
Serviço executivo
de traslado:
Ituverava - Aeroporto
16. 3729.3284
16. 9.9626.3043
Rua Dr. Ademar de Barros, 174 - Centro - Ituverava-SP
www.jbturismocorporativo.com.br

José Maurício

Bate-papo à beira do Rio do Carmo

Auro Valizi

O casal José Maurício Amêndola e Maria Luiza Cruz Bonini Amêndola recebeu em 2016 a visita de Zé Valizi, para um bate-papo e muitas recordações...

Zé Maurício disse que quando ele ainda era menino e ajudava o pai dele no posto de gasolina, a Rádio Cultura de Ituverava era a maior novidade na cidade. E certo dia, lá estava ele no posto quando o Silvério Neto (da Rádio Cultura) apareceu e perguntou: “Você é o José Maurício Amêndola? Não quer experi-

mentar trabalhar em novela no rádio?” E lá foi o Zé Maurício fazer o teste.

Também trabalharam nas radionovelas o casal Luiz Amêndola (irmão do Zé Maurício) e Arminda Marques, o casal carioca José Viana e Cordélia Santos, Tereza Bordon, Aparecida Miguel, professor João Beber, Ione (esposa do Silvério Neto) e outras mais.

“Eu não ganhava nada na rádio, mas podia entrar de graça no cinema, que pertencia aos mesmos donos [os irmãos Nunes] da Rádio Cultura”, recorda-se Zé Maurício.

Vários artistas famosos da-

quela época vieram apresentar-se em Ituverava. Segundo Zé Maurício, quando o cantor Orlando Silva aqui esteve, o ituveravense Newton do Cavaquinho o acompanhou como instrumentista. E depois Orlando Silva — de quem o jornalista Adhemar Cassiano era fã — foi jantar no Bar do David.

Embora houvesse os palcos da AAI (Associação Atlética

Ituveravense) e do Cine Teatro, alguns artistas apresentavam-se na rua.

Por exemplo, Nelson Gonçalves e a dupla Alvarenga & Ranchinho fizeram seus shows em cima de um caminhão.

Na década de 1960, Zé Maurício tornou-se diretor-proprie-

“...mas podia entrar de graça no cinema...”



Maria Luiza (esquerda), José Maurício e Zé Valizi

(Crédito: Auro Valizi/2016)

tário da Rádio Cultura, e também organizou a participação de Ituverava no programa “Cidade Contra Cidade”, apresentado por Sílvio Santos na então TV Tupi.

Além destas, muitas outras lembranças foram resgatadas durante esse bate-papo.

Para quem ainda não assistiu ao vídeo, ele está disponível no site de memórias do Zé Valizi - www.valizi.com.br, ou então acesse-o diretamente com o seu celular, utilizando o código QR ao lado. ::



Zilda Machado

Presença feminina no rádio

Auro Valizi

As pessoas que por mais tempo trabalharam na Rádio Cultura de Ituverava foram o Zé Valizi e a Zilda Machado, atuando durante 40 e 32 anos, respectivamente.

E no ano de 2016 eles também gravaram um bate-papo, resgatando algumas de suas lembranças. “É muito gostoso recordar o nosso tempo de rádio”, disse Zilda.

Ela morava no Capivari da Mata — numa época em que nem luz elétrica havia lá — e lembra de quando o Zé Valizi, que ainda morava na fazenda, ia

jogar futebol lá no distrito.

Quando a Zilda veio morar na cidade, aos domingos ela ia assistir ao programa de auditório Brasil Sertanejo, ver o pessoal cantar.

Zilda, que começou no rádio aos 23 anos de idade, disse que naquela época a emissora recebia muitas cartas dos ouvintes, pedindo músicas.

Houve uma época em que a emissora funcionava no último andar do então Hotel Caiçara, que não tinha elevador. Assim, disse Zilda, eram “cento e vinte e tantos degraus” para subir e descer todos os dias.

Zilda teve a oportunidade de

receber em seu programa alguns artistas renomados, como por exemplo o cantor Sérgio Reis. E também entrevistou, em outra ocasião, o famoso radialista e locutor esportivo Fiori Gigliotti, quando este esteve em Ituverava para narrar uma partida de futebol.

Como o Zé Valizi improvisava bem, fazendo brincadeiras,

a direção da emissora colocava os operadores de som novatos para aprenderem no

horário do programa dele (o Fazendinha do Valizi). Do erro do operador de som, ele fazia uma brincadeira. A Zilda disse que quando o disco “pulava”, o Zé Valizi já ia dizendo: “O macaco acabou de pular na vitrola. Toca essa macacada daí!”.

“É muito gostoso recordar o nosso tempo de rádio.”



Zilda Machado (esquerda) e Zé Valizi (Crédito: Auro Valizi/2016)

Outra lembrança que a Zilda e o Zé Valizi restagaram foi a dos presentes que recebiam dos ouvintes: linguiça, ovo, abobrinha, laranja, melancia, pepino, frango caipira, e por aí vai...

Zilda disse que não sai de sua lembrança os colegas com os quais trabalhou durante tantos anos na emissora, e complemen-

ta: “Eu sempre sonho que estou fazendo o programa no rádio”.

O vídeo deste bate-papo também está disponível no site www.valizi.com.br, ou então assista-o em seu celular, utilizando o código QR ao lado. ::



Programa Auro Valizi



Rádio Cultura de Ituverava

1450 Khz (AM)

Às **terças e quintas-feiras** das **8h às 10h**

www.radioculturaituverava.com.br
facebook.com/auro.valizi.radialista



Gostou do Miscelânea?

Então dê o seu apoio cultural!

Anuncie aqui ou contribua com a próxima edição. Para contribuições via Pix, use o QR Code ao lado.

Mais informações:

(16) 99189-6649 (**somente WhatsApp**)

Até a próxima!

NEW VEÍCULOS
A loja do abençoado!

(16) 3729-3200
(16) 99267-0653
Av. Dr. Soares de Oliveira, 1470 - Ituverava-SP

SEU CARRO ESTÁ AQUI!